



## A PRODUÇÃO DA PSICOLOGIA SOCIAL ACERCA DA HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL

Celestino José Mendes Galvão Neto<sup>1</sup>  
Michael Ferreira Machado<sup>2</sup>  
Symone Karla de Ataíde Gondim<sup>3</sup>  
Richardson Diego Paz<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo descrever e discutir quais e como se apresentaram as produções acerca da homossexualidade a partir dos resumos dos trabalhos inscritos no 16º Encontro Nacional da ABRAPSO, nas modalidades de pôsteres, comunicações orais e falas individuais das mesas redondas. A partir do descritor “homossex” foi possível localizar no livro de resumos do Encontro 67 trabalhos que tratavam da homossexualidade. A partir deles realizou-se uma análise de conteúdo temático. A análise encontra-se pautada nos debates sobre o conceito de dispositivo a partir de Foucault, que o entende como sendo um tipo de formação que visa responder a uma urgência em um determinado momento histórico, assumindo, sobretudo uma função estratégica dominante. Foi possível discutir a diversidade de eixos temáticos do Encontro em que a temática é discutida, os diferentes contextos de vivência cotidiana que suscitam a discussão, assim como as principais temáticas associadas à homofobia.

**Palavras-chave:** Homossexualidade, dispositivo, homofobia, psicologia.

### Introdução

Esse artigo versa sobre a produção científica na Psicologia Social acerca dos debates sobre as homossexualidades no Brasil, a partir das discussões suscitadas nos trabalhos do 16º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (ENBRAPSO)<sup>3</sup>, realizado nos dias 12 à 15 de novembro de 2011 na cidade do Recife.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: celestino.galvao@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: michael.mmachado@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: sininho\_la@hotmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: diego.richardson1986@hotmail.com

<sup>3</sup> O ENBRAPSO acontece a cada 2 anos, o qual o lugar de realização é decidido pela entidade em Assembleia Nacional.

Questão esta que se mostra relevante quando se considera o atual contexto de debates sobre a conquista de direitos da população LGBT no Brasil.

Atualmente, no Brasil, existe uma verdadeira arena entre os movimentos homossexuais e algumas instituições fundamentalistas religiosas na conquista cada vez crescente da cidadania das pessoas consideradas LGBT's. Os embates/debates centram-se sobre os direitos humanos e o combate a homofobia - a exemplo do projeto de lei nº 122/2006 que criminaliza a homofobia no Brasil - entre outras temáticas. O tema das homossexualidades é recorrente nos principais meios de comunicação no Brasil, onde é realizada a maior manifestação LGBT no mundo - a parada do orgulho de São Paulo. Toda essa visibilidade produzem incômodos nos setores mais tradicionais/fundamentalistas da sociedade brasileira que parece não admitir, ou mesmo reconhecer, a diversidade sexual. Assim, tendem a querer marginalizar tais manifestações com o intuito da não legitimação do direito de livre expressão sexual.

Um episódio que ajuda a visualizar o quanto se mostra latente o não reconhecimento da população homossexual por essa parcela da sociedade foi à polêmica criada pelo projeto do Kit antihomofobia que seria distribuído nas escolas públicas do país, como material didático para alunos do ensino médio. Por meio de uma série de manobras e reprodução do discurso hegemônico que confere à heterossexualidade um status de normalidade e naturalidade enquanto que tudo que não se encaixe no modelo sexual dominante é relegado à marginalidade e ao erro, a bancada fundamentalista, formada por alguns evangélicos e católicos no Congresso Nacional, conseguiu que a distribuição do kit fosse proibida pela presidência da república.

Os meios de comunicação através da mídia tem discutido de diversas formas a questão da diversidade sexual e seu lugar na sociedade. Materiais de consumos são produzidos diariamente como forma de lucrar através do desejo das pessoas de consumir o que "um dia foi alternativo". Pode refletir até que ponto a produção midiática tem se mostrado como um meio de produzir verdades? O que está por trás dessa crescente problematização da sexualidade? Quais os efeitos que se tem produzido no cotidiano? Qual o interesse em colocar essa discussão em foco? Para Madlener e Dinis (2007) não resta dúvida que esta abertura tem proporcionado discussões a cerca do tema, porém questiona se a forma como essa questão vem sendo tratada não acaba por exercer uma função normatizadora numa sociedade onde.

Esse questionamento parece ter fundamento quando se observa os ataques que os LGBT's vem sofrendo pela parcela mais conservadora da sociedade. As discussões

incitadas pela mídia se mostram com efeitos diversos e entre eles está ainda o fortalecimento do discurso dominante no qual a heterossexualidade é o padrão. É como se homens e mulheres fossem diferentes em termos sexuais, morais e de direitos, ocasionando em divisões sexistas e preconceituosas que impõe sua manutenção fundamentando-se em concepções essencialistas e universalistas. E mais, homens e mulheres por serem diferentes se complementam, como se cada um fosse uma metade incompleta do outro impondo, assim, a união heterossexual (RUBIN, 1993).

Diversas áreas do saber apresentam discursos próprios que trazem cada um sua especificidade acerca do tema. A categoria da homossexualidade parece servir para enquadrar os sujeitos que ocupam um lugar fronteiro entre os gêneros, desviantes à norma heterossexual. Esta nova categoria seria então enquadrada na lógica da dominação heterossexual/homossexual como oriunda da relação homem/mulher (Welzer-Lang, 2001). Relembrando as análises foucaultianas sobre a novidade do conceito de homossexualidade:

Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico” permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de “perversidade”; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade” e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico (Foucault, 1993, p. 96).

Como mencionado no texto acima, contribuem ainda para a criação de discursos acerca desta categoria o saber religioso e o médico. Para Ceccarelli (2011) a construção de uma sexualidade dita “natural”, a qual é utilizada como peso e medida de normalidade para outras “desviantes” é derivada de uma concepção teológica de natureza humana, onde, qualquer prática sexual contra esta natureza – masturbação, heterossexualidade sem fins de procriação, homossexualismo – seria considerada uma perversão.

É baseado nesse saber teológico que o discurso jurídico interpela ações destinadas a coibir o considerado anti-natural. Acerca da trajetória do movimento Gay e seu percurso pelo saber jurídico, Arán (2003) traz à tona o estudo de Fabre (1999) intitulado por “saída da homossexualidade do código penal até a sua entrada no código civil”, onde chama à atenção para o fim da condenação da prática homossexual pelo código penal e a discussão, na época, em torno do reconhecimento da união civil entre

pessoas do mesmo sexo, que hoje, complementamos, encontra status de legalidade no âmbito jurídico brasileiro por meio de decisões do Supremo Tribunal Federal (STF).

Entra em cena o saber médico que, através da psiquiatria clássica do século XIX, bebe da fonte do saber teológico e jurídico transformando o que é pecado/ilegal em patológico, trazendo novos desdobramentos às ditas perversões (Ceccarelli, 2011). Novamente, a saída da homossexualidade do código internacional de doenças (CID) representa um salto expressivo na luta contra a discriminação (Arán, 2003).

Encontramos, ainda hoje, a discussão acerca da homossexualidade sendo perpassada por esses saberes. Em recente estudo - apresentado no 16º Encontro Nacional da ABRAPSO - Rios, Aquino e Parquer (2011) discutem uma pesquisa etnográfica que envolveu entrevistas com sacerdotes e lideranças leigas, e observação participante do cotidiano de um bairro popular do Recife. Os autores percebem uma persistência do preconceito entre os clérigos e as lideranças católicas entrevistadas, os quais sugerem uma distinção entre homossexualismo e homossexualidade que permite promover um “acolhimento” aos homossexuais os tornando dispares de suas práticas. Observam ainda, o modo como o discurso dos movimentos homossexuais interpelam os leigos, desestabilizando suas certezas religiosas.

Ainda quanto a questão dos discursos, Foucault (1993) ainda afirma que não existe um discurso dominante e por outro lado um dominado, há uma multiplicidade de elementos discursivos que co-existem em muitos aspectos na construção das redes dos dispositivos, devido a sua configuração inteiramente heterogênea. Como afirma Kahhale (2011) a dialética existente entre indivíduo e sociedade está permeada pela permanência, isto é, a manutenção do paradigma vigente – que na atualidade, no que cerne a sexualidade, é expressa através do modelo heterossexual como forma hegemônica – e ao mesmo tempo transformação, que promove a ruptura deste paradigma.

A Psicologia tem se mostrado como um dos principais “aliados” da cidadania LGBT no Brasil, a resolução nº 001/99 , de 23 de março de 1999, dispõe no seu artigo 3º que “os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados”. No caso do kit anti homofobia, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) lançou uma nota de apoio ao projeto “Escola sem Homofobia” reconhecendo que se tratava de um material importante para a discussão do preconceito a homossexuais no país.

A Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO)<sup>4</sup>, outra grande instituição da Psicologia brasileira, também adota um posicionamento crítico em defesa dos direitos LGBT's e o combate ao heterossexismo. Em nota publicada em 01 de maio de 2011, a ABRAPSO é uma das instituições que assinam o “manifesto da II marcha nacional contra a homofobia pela aprovação imediata do PLC 122”.

Dessa forma, a Psicologia além de ser uma das disciplinas que apóiam a luta LGBT no país, também produz saberes acerca das homossexualidades, sendo essas produções de conhecimento o foco de análise desse artigo. Para tanto busca-se nas discussões sobre os dispositivos a fundamentação das análises e das reflexões desse material, sendo importante destacar que a produção discursiva de uma disciplina sobre determinada temática já é um dos “efeitos/ações” dos dispositivos.

Na texto/entrevista publicado com o título “Sobre a história da sexualidade” (s/d) Foucault formula que o dispositivo é um tipo de formação que visa responder a uma urgência em um determinado momento histórico, assumindo, sobretudo uma função estratégica dominante. Discorrendo um pouco mais sobre esse conceito, Foucault (1979) pondera que os dispositivos são estratégias sem sujeitos, isso por que “o dispositivo (...) está sempre inscrito em um jogo de poder” (1979, p.139), sendo o poder um feixe de relações mais ou menos organizado.

Segundo Agamben (s/d), Foucault conceitua os dispositivos como uma rede estabelecida entre um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, instalações arquitetônicas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, enfim são as redes que ordenam os viventes na tentativa de responder a uma *emergência* em um determinado momento. Outra característica dos dispositivos é que não vão para além do discurso. Os dispositivos são regras e instituições, sendo exercidos a partir de determinados aparatos.

O dispositivo que nos mostra maior possibilidade discutir a questão da homossexualidade tem a ver mais especificamente com o Dispositivo da Sexualidade. Em “História da Sexualidade I: A Vontade de Saber” (1993) Foucault discorre que o dispositivo da sexualidade está relacionado à economia por meio dos corpos, sendo estes valorizados como objetos de saber e elementos nas relações de poder, tornando

---

<sup>4</sup> “Fundada em 1980, a ABRAPSO constitui-se em importante espaço de intercâmbio e posicionamento crítico frente a perspectivas naturalizantes e a-históricas de produção de conhecimento e intervenção política em nossa sociedade”. Pode se associar tanto profissionais como estudantes ([http://www.abrapso.org.br/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=503](http://www.abrapso.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=503)).

assim o controle das populações, por meio de mecanismos cada vez mais globais e ao mesmo tempo capilares.

Foucault narra que antes do dispositivo da sexualidade, quem operava era o dispositivo da aliança, havendo uma valorização do matrimônio, das relações de parentesco, transmissão de bens, elaborando assim um sistema de regras que define o que é permitido e o que é proibido. Seguindo a linha argumentativa de Foucault não se pode dizer que ocorreu uma substituição do dispositivo de aliança pelo dispositivo da sexualidade, mas que o segundo tende a dar suporte ao dispositivo de aliança.

Foucault (1993) aponta quatro estratégias globais de dominação, constituintes do dispositivo da sexualidade: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do corpo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer "perverso".

Esse autor também pontua que por algum tempo as camadas mais populares continuaram a operar apenas no dispositivo de aliança. Isso por que o dispositivo da sexualidade foi elaborado pelas classes abastadas da burguesia que buscava auto afirmar-se através da verdade em relação ao seu sexo e do cuidado com o seu corpo, se difundido depois para o corpo social como um todo, por meio do controle de natalidade e moralização das classes populares.

O dispositivo da sexualidade ganha força e se afirma ao longo dos séculos XVII e XVIII com as relações de poder na sociedade ocidental e pode-se discorrer que esse processo se deu por meio de dois eixos:

a) micro- singular, por meio das relações estabelecidas do poder com o corpo individual, tem o corpo como uma “máquina”.

b) macro- social, que são as estratégias direcionadas ao coletivo, à população, constituindo assim uma bio política das populações.

Os dois eixos não se excluem, mas estão intimamente entrelaçados, sendo essa articulação que dá a relevância do dispositivo da sexualidade, pois segundo Foucault a articulação entre os eixos não é feita ao nível de um discurso especulativo, mas sim por meio de agenciamentos concretos que configurarão a grande tecnologia do poder no século XIX, o dispositivo de sexualidade será um deles, e dos mais importantes.

Assim, dispositivo da sexualidade, ligado ao poder, produz um objeto: o sexo. O dispositivo da sexualidade, que instituiu o sexo como verdade maior sobre o indivíduo. O discurso que permeia a sexualidade se deu inicialmente no âmbito do corpo, nos órgãos, da sexualidade transpôs o controle para a carne, os corpos, os prazeres. A

concepção de sexo possibilitou reunir, por meio de uma unidade articulada elementos anatômicos, características biológicas, práticas, sensações e prazeres, permitindo assim, por meio dessa unidade fictícia um princípio funcional.

### **Materiais e método**

A partir das construções existentes na Psicologia sobre as homossexualidades no Brasil, analisa-se como essa produção aparece nos debates em Psicologia Social, em especial no 16º Encontro Nacional da ABRAPSO (ENABRAPSO), realizado em Recife- PE, entre os dias 12 e 15 de novembro de 2011. Constitui-se como material de análise os resumos aprovados no referido encontro (pôsteres, comunicações orais, falas individuais das mesas), excluindo-se os resumos das mesas redondas, entendendo que o mesmo se apresenta como uma síntese da reunião de todos os trabalhos discutidos na mesa. Nesse caso, foram considerados, então, os resumos de cada trabalho inscrito nas mesas redondas.

Para tanto foi utilizado como descritor o termo “homossex” para a busca dos resumos, a fim de encontrar os que versassem sobre homossexualidade na base de dados do encontro (Livro de Resumos) disponível no site do próprio encontro. Para a análise do material encontrado optou-se pela análise de conteúdo temático por ignorar a coerência singular dos conteúdos e buscar uma coerência temática entres estes (Bardin, 1977). No que diz respeito às etapas, segundo Bardin (1977), a primeira delas é a pré-análise, constituindo-se no momento para organizar o material, de formular hipóteses, elaborar indicadores. A segunda etapa constitui-se da exploração do material, que é a realização das decisões tomadas na pré-análise, é o momento de organização das unidades temáticas. A terceira etapa compreende a decomposição em unidades de significado, na quarta fase, faz-se a agregação das unidades em categorias. Por fim é realizado o tratamento dos resultados (Oliveira, 2008).

### **Resultados**

Na busca a partir do descritor “homossex” foram encontrados 67 trabalhos que tratavam da temática da homossexualidade. A seguir apresentaremos alguns aspectos importantes encontrados nesses resumos (pôsteres, comunicações orais, falas individuais das mesas) do 16º ENABRAPSO.

Tabela 1: Distribuição dos trabalhos nos Eixos temáticos do 16º ENABRAPSO

| <b>Eixos Temáticos</b>  | <b>N (Trabalhos)</b> |
|---|----------------------|
| <b>Gênero, sexualidade, raça, idade e territórios de existência</b> | <b>45</b>            |

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Educação e Formação</b>                       | 4         |
| <b>Histórias, metodologias e teorias</b>         | 3         |
| <b>Mídia, comunicação, linguagem e artes</b>     | 5         |
| <b>Política, democracia e movimentos sociais</b> | 2         |
| <b>Trabalho</b>                                  | 2         |
| <b>Ética, violência e direitos humanos</b>       | 3         |
| <b>Saúde</b>                                     | 3         |
| <b>TOTAL</b>                                     | <b>67</b> |

Na Tabela 1, observa-se uma predominância de trabalhos relacionados com homossexualidade no eixo Gênero, sexualidade, raça, idade e territórios de existência, com 45 trabalhos, no entanto, constata-se também que em todos os eixos temáticos do evento há pelo menos um trabalho discutindo questões relacionadas à homossexualidade. Tal resultado aponta para uma descentralização das discussões do âmbito apenas da sexualidade e das questões de gênero, mais ligadas ao sexo enveredando por temas como saúde, trabalho, entre outros.

A fim de fazer uma análise confirmatória dessa inferência sobre a descentralização, buscou-se juntamente a presidência da Comissão Científica do evento, autorização para ter acesso a 2ª opção dos eixos temáticos, o que era uma exigência na submissão dos trabalhos, aos quais os trabalhos aqui analisados foram submetidos. E com o aval da referida comissão pudemos constatar uma maior distribuição dentro dos eixos, na qual o eixo Ética, violência e direitos humanos com 22 produções, logo em seguida Gênero, sexualidade, raça, idade e territórios de existência com 17 produções, os eixos Educação e formação e Política, democracia e movimentos sociais cada um com 11 produções, Mídia, comunicação, linguagem e artes com 4, Histórias, metodologias e teorias com 2 produções e por fim os eixos Saúde e Trabalho que não contam com nenhuma produção.

No que diz respeito à metodologia utilizada na execução da pesquisa, com a leitura dos resumos observou-se que em 35 trabalhos, dentre os 67 encontrados, a metodologia qualitativa foi a empregada enquanto que apenas 10 afirmavam fazer uso de metodologia quantitativa. Porém em algumas produções a metodologia utilizada não foi relatada, cerca de 18 trabalhos, e em 3 casos foi utilizada uma mescla, tanto quantitativa quanto qualitativa.

Os assuntos dentro da temática da homossexualidade que emergiram dentro das produções do 16º ENABRAPSO, estão expostos na Tabela 2.



Tabela 2: Homossexualidade em Trabalhos do 16º ENABRAPSO

|                          | N (Trabalhos) |
|--------------------------|---------------|
| <b>Homofobia</b>         | <b>26</b>     |
| <b>Religião</b>          | 6             |
| <b>Homoparentalidade</b> | 14            |
| <b>Homoerotismo</b>      | 4             |
| <b>Identidade</b>        | 3             |
| <b>HIV/Aids</b>          | 4             |
| <b>Outros</b>            | 10            |
| <b>TOTAL</b>             | <b>67</b>     |

A temática da homofobia foi encontrada em 26 produções, a mais recorrente dentro desse grupo de 67 trabalhos, seguida pela homoparentalidade, 14 produções. Ambos são temas muito discutidos no que diz respeito a homossexualidade nos contextos atuais, nos quais problemas com preconceito contra homossexuais e seus direitos civis são o foco em discussões a nível nacional. No entanto, ainda se vê a temática da religião fortemente atrelada as discussões relacionadas com a homossexualidade também, numa representatividade de 6 produções, assim como homoerotismo, 4, HIV/Aids, 4, e identidade com 3 produções.

Como se pode observar na Tabela 2, as produções estão muito voltadas para a temática da homofobia, por este motivo optou-se por aprofundar-se na mesma e a partir da análise dos resumos que versavam sobre a temática categorizar os contextos nos quais a homofobia é apresentada e/ou discutida, o que pode ser visto na Tabela 3, abaixo.

Tabela 3: Contextos nos quais a Homofobia se apresenta no 16º ENABRAPSO

|                               | N (Trabalhos) |
|-------------------------------|---------------|
| <b>Educacional</b>            | <b>11</b>     |
| <b>Homoafetividade</b>        | 4             |
| <b>Religioso</b>              | 1             |
| <b>Contribuições teóricas</b> | 4             |
| <b>Violência</b>              | 4             |
| <b>Outros</b>                 | 2             |
| <b>TOTAL</b>                  | <b>26</b>     |

O contexto que mais se apresentou e/ou foi discutido foi o educacional, aparecendo em 11 publicações, dentro das 26 relacionadas à homofobia, observou-se

também que em 4 dos casos a homofobia foi discutida em níveis teóricos, nos quais a busca pelos seus motivos não estava na prática e sim em como ela se constrói enquanto conceito dentro da sociedade. Essa homofobia também esteve intimamente ligada a contextos de violência seja familiar e institucional, 4 produções.

## **Discussão**

### **Homossexualidade em foco com diversos focos – curvas de visibilidade e invisibilidade**

A incursão do tema da homossexualidade em outros eixos que não dizem respeito especificamente as discussões de gênero nos mostra que se tem aberto espaço nos mais diferentes âmbitos para se discutir sobre o tema. O que se significa dizer que homossexualidade não se encontra limitada às discussões de gênero como se esta possuísse barreiras intransponíveis, sendo observado dessa forma que o tema tem incitado interesse de discussões em espaços que até então se consideravam alheios.

As segundas opções de eixo escolhidos também pelos autores do trabalho demonstram bem como vem se construindo discussões pertinentes e produção de conhecimento em diversas áreas. A sexualidade entendida enquanto dispositivo possibilita visualizar que não há uma linearidade em sua construção, pois é constituído a partir de uma rede heterogênea, na qual novos elementos vão sendo incorporados e (re)significados a todo momento.

Dessa forma, sugere Deleuze (1990), os dispositivos não são fixos e modelares, havendo até mesmo uma dimensão do dispositivo que é “inacessível”. Ao tentar definir as suas delimitações, introduz-se um novo vetor que altera o desenho anterior. O “olhar” (como sinônimo de posicionamento) produz uma interferência no arranjo e essa interferência tem um movimento dialético: ao modificar o arranjo e mudar o que é visto, há também uma mudança de referenciais. Assim, trata-se de processos intermináveis de constituição de sujeitos nas práticas e de diferenciação dos arranjos concretos.

Conceber a discussão sobre homossexualidade a partir de diversos eixos temáticos possibilita visualizar como se dá essa dinâmica do dispositivo. Diferente do que se podia imaginar em uma associação direta, homossexualidade não diz respeito única e exclusivamente, apesar de dominante, às discussões do gênero, mas se discute também no contexto religioso – mesmo que de forma normatizadora a discussão se encontra presente – político, ético e recentemente educacional. A expansão do foco da homossexualidade para outros espaços, como a escola por exemplo, demonstra essa reorganização e reconfiguração constante que permeia o dispositivo e que permite ampliar a discussão com a invasão em outros contextos. Assim, produz-se

conhecimento, versões, verdades que posicionam as pessoas. E nesse posicionamento/conceituação há, a partir da discussão sobre dispositivo, um repúdio ao universal. Na verdade, o objeto, o real são construídos na dinâmica dos dispositivos e o conhecimento é localizado. Então não existe a verdade, mas verdades que vão sendo produzidas cotidianamente (DELEUZE, 1996).

Além da diversidade de contextos em que a discussão sobre homossexualidade encontra-se inserida, temos também uma considerável diversidade de temas abordados dentro da temática mais geral da homossexualidade, sendo a homofobia predominante no contexto atual de discussão. Em diferentes contextos históricos os debates acerca da homossexualidade se encontravam mais localizados em outras questões, como a identidade por exemplo.

A busca pelo reconhecimento da legitimidade de uma prática sexual tida como aversa por uma sociedade regida por costumes religiosos com práticas culturais excludentes que confere a heterossexualidade o status de norma já foi o foco das discussões sobre homossexualidade. Nesses momentos o movimento feminista se destacou por buscar um lugar de reconhecimento das diversas práticas sexuais, onde Rubin (1993) destaca que o feminismo deve sonhar com a “eliminação das sexualidades obrigatórias”, sugerindo a construção de uma “sociedade andrógena e sem gênero” onde “a anatomia de cada um é irrelevante para o que cada um é, faz ou com quem cada um faz amor”.

Essa mudança de foco de temas abordados se mostra de forma fluida, onde se coloca em xeque questões que trazem situações que ocupam algum grau de preocupação. O atual quadro de violência contra homossexuais em diferentes regiões do país – bem como no mundo - vem alcançando índices alarmantes, o que acabou por influenciar de forma alastrante os debates sobre o tema. No dia 15 de dezembro de 2011 a Revista Veja online lançou uma nota sobre a divulgação do primeiro relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre violência e discriminação contra LGBT's, incitando as nações a criminalizarem tal prática com a implantação de medidas punitivas.

É na perspectiva das fronteiras de gênero que Welzer-Lang (2001, p. 465) define a homofobia como “a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero”. Essa discriminação se agrava quando esse outro gênero ocupa um lugar (ou não-lugar) de inferioridade nas relações de poder (im)postas culturalmente. Keijzer (2004) aponta que

para se enquadrar nos padrões heteronormativos os homens precisam “demonstrar certa homofobia”, sendo esta atitude uma reafirmação de sua masculinidade.

Dessa forma, tem-se que o paradigma da dominação masculina e o heterossexismo reverberam não somente na relação entre homens e mulheres, há também o que se observar na relação homens/homens. Desde muito cedo, os meninos são ensinados, corrigidos, moldados baseados na idéia de que para se tornar um “verdadeiro” homem devem lançar de si quaisquer aspectos que poderiam associá-los às mulheres (Welzer-Lang, 2001). Estas idéias/modelos são reproduzidas/dos em diversos espaços como o meio familiar, a escola, a brincadeira na rua e são expressas (algumas vezes com requintes de violência) na forma de repressão a qualquer comportamento que possa ser associado ao feminino.

Gestos, movimentos, reações são identificados como coisa de homem ou coisa de mulher, coisa de menino ou coisa de menina e associados à natureza de cada sexo, ou seja, como se determinadas formas de ser no mundo estivessem ligadas ao sexo biológico do sujeito (Paz & Lima, 2011). Neste mesmo caminho pode se correr o risco de promover uma naturalização dos argumentos culturais. De uma forma ou de outra, chama a atenção o caminho naturalizante dos discursos, seja por um reducionismo biológico, seja por um reducionismo cultural.

Vê-se, assim, que a discussão sobre homossexualidade tem tomado diversas proporções e vários temas tem sido foco de debates desde que se começou a discutir sobre isso, considerando que a atração/relação sexual entre pessoas do mesmo sexo está presente em diversas épocas e sociedades diferentes sem que isso fosse um problema (CECCARELLI, 2011). No estudo sobre os dispositivos tem-se que há o abandono na busca pelo eterno em função da busca pelo novo (DELEUZE, 1996). Para esse autor, o dispositivo se define pela sua característica de novidade e criatividade e suas linhas dividem-se em de sedimentação e de atualização. Sendo essas linhas, mecanismos táticos para a perpetuação do dispositivo ao longo do tempo, seja através de “reprodução” de estratégias exitosas ou por meio de reorganizações a partir do contexto histórico envolvido/vivido.

Essa reorganização se encontra presente em toda a análise das produções dos resumos, pois encontra-se homofobia como o maior dos temas discutidos dentro da homossexualidade, e a partir disso pensa-se nas relações de violência as quais os mesmos vem sofrendo. Ao mesmo tempo que dentro do recorte da homofobia encontra-se como maior foco de debate o contexto educacional, sendo a violência também

referida. Assim, pode-se pensar a homofobia como presente em contextos distintos como a violência e a escolar por exemplo, mas esses não devem ser excludentes, quando se pensa que dentro de um ambiente escolar um homossexual pode sofrer violência.

Apesar de estar dividido por contextos onde a homofobia se apresenta não se deve perder de vista que eles dialogam e se inter cruzam a todo o momento, não estando, dessa forma, isolados. Pois os dispositivos, segundo Deleuze (1990), tem por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, de fissura, de fratura, que se inter cruzam e se misturam acabando por umas dar noutras ou suscitar outras por meio de variações ou mesmo metamorfoses de agenciamento. Em outras palavras os dispositivos têm por componentes linhas que são máquinas de fazer ver e fazer falar e as linhas de força (cruza todo o jogo força, de visibilidade, de enunciação, de fissura/fratura) que se entrecruzam e se mesclam que acarretam em novos arranjos, sendo, sobretudo polimorfos.

### **Algumas considerações**

Pode-se inferir, a partir das análises imprevistas, que é de grande relevância a discussão de temas como a homossexualidade, pois permitem ressignificações de idéias pré-concebidas e que tem se desdobrado em comportamentos de violência direcionado a sujeitos homossexuais, que hoje recebem a nomenclatura de “homofobia”. Observa-se ainda que, a Psicologia Social e seus movimentos vêm sendo vetores na produção de saberes acerca de temas como a homossexualidade, sendo que eventos como a ENABRASO nos permite a visualização de como isso vem sendo discutido no meio acadêmico.

Nota-se também que, além do saber da Psicologia, outros têm sido lançados mão para a compreensão do fenomeno da homossexualidade. É o caso do saber religioso e do médico. E, embora ainda reverberem de alguma forma nas concepções acerca do tema, não ocupam mais lugar de hegemonia/supremacia sobre os demais, como é o caso do saber científico. A análise do tema a partir dos diversos eixos temáticos possibilitou visualizar como tem se dado essa dinâmica.

Foi possível identificar, através da regularidade no aparecimento de estudos que, a homofobia, na atualidade, apresenta-se como o emergente central na discussão das homossexualidades. Casos recorrentes relatados pela mídia de violência praticada por crimes de ódio, a luta jurídica pela criminalização da homofobia podem ter contribuído para a eminência do tópico.

Futuros estudos podem abordar essas questões, promover aprofundando ou ainda trazer luz a novos aspectos dentro dessa discussão.

## Referências

Agamben. G. *¿Qué es un dispositivo?* Disponível em 26, novembro, 2011 de: <http://ayp.unia.es/r08/IMG/pdf/agamben-dispositivo.pdf>.

Associação Brasileira de Psicologia Social. (2011). *A ABRAPSO apoia Manifesto contra homofobia*. Recuperado em 11 dezembro, 2011, de [http://www.abrapso.org.br/informativo/view?ID\\_INFORMATIVO=254](http://www.abrapso.org.br/informativo/view?ID_INFORMATIVO=254)

Arán, Márcia (2003). Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 11, n. 2, Dec. 2003.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Ceccarelli, P. R. (2011). In *Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos* (Mesa: Enfrentamento à patologização e à Homofobia: Código de ética do psicólogo e Resolução CFP 001/1999. Cap. 8, pp. 229-237). Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2011.

Conselho Federal de Psicologia (2011). *Nota do CFP sobre a suspensão do kit do projeto Escola sem Homofobia*. Recuperado em 11 dezembro, 2011, de 2011, de [http://www.pol.org.br/pol/cms/pol/noticias/noticia\\_110527\\_001.html](http://www.pol.org.br/pol/cms/pol/noticias/noticia_110527_001.html)

Conselho Federal de Psicologia. (1999). *Resolução nº 001/99 , de 23 de março de 1999*. Brasília, DF: Autor

Deleuze, G. (1996). *O mistério de Ariana*. Lisboa: Ed. Veja – Passagens.

\_\_\_\_\_. *Que és un dispositivo?* (1990) In: BALIBAR, E. et al. (Orgs.). *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa. p.155-63.

Foucault, M. (1993). *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Fabre, C. (1999). “L’homosexualité, du code pénal au code civil”. In: *Le Monde Dossier: le pacte civil de solidarité*, 1 avril 1999.

Kahhale, E. M. S. P. (2011). In *Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos* (Mesa: Enfrentamento à patologização e à Homofobia: Código de ética do psicólogo e Resolução CFP 001/1999. Cap. 8, pp. 199-215). Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2011.

Keijzer, B. (2004). Sexualidades e socialização: “cuidem de suas galinhas que meu galo está solto”. Em Medrado, B.; Franch, M.; Lyra, J. & Brito, M. (orgs) *Homens: tempos, práticas e vozes*. Recife: Instituto PAPAÍ/Fages/Nepo/Pagapacará.

Madlener, F. & Dinis, N. F. (2007). *A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana*. UFF, 19 (1), 49-60.

Paz, R. D. da S. & Lima, R. D. M. (2011). *Gênero no mundo do trabalho: o lugar do homem e da mulher* (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade Maurício de Nassau, Recife, Pernambuco, Brasil.

Rios, L. F.; Aquino, F. L. & Parquer, R. (2011, novembro). Adão e Ivo: (in)certezas católicas sobre a homossexualidade. *Livro de Resumos do Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social*, Recife, PE, Brasil, 16. Recuperado de <http://www.encontro2011.abrapso.org.br/relatorio/cadernoresumos>

Rubin, G. (1993). *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: SOS corpo.

Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol.9, n.2, pp. 460-482. ISSN 0104-026X.